

JECAS, ARIGÓS, PEÕES, BISONHOS, CICLOPES:

o discurso “sob medida” na construção de uma identidade de operário na cidade de Volta Redonda (1941-1946)

Irene Rodrigues de Oliveira¹

RESUMO

O presente projeto surgiu de uma inquietação enquanto realizava os estudos sobre a gênese da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Consiste numa análise da produção de um discurso praticado na cidade operária, que se estava fundando e mantido no seu imaginário. O lugar de recrutamento é também um dispositivo de produção, de inserção e, ao mesmo tempo, de hierarquização, legando aos trabalhadores da CSN uma posição subalterna na nova ordem urbana que se estava construindo em Volta Redonda. Em que medida as expressões utilizadas forjaram este sujeito (o operário da CSN)? Que relações de poder estariam se construindo? Essa forma de inventar o indivíduo que se quer trabalhador e operário, subjetivando-o, talvez possa ser lida a partir da noção de positividade do poder.

Palavras-chave: CSN, subjetivação, operário

ABSTRACT

This project arose from a concern while conducting studies on the genesis of Companhia Siderurgica Nacional (CSN). Is an analysis of the production of speech practiced in a working-class town that was founded and kept in his imagination. The place of recruitment of workers from CSN is seen as a device for production and insertion, and at the same time, the ranking of them, bequeathing them an inferior position in the new urban order, which was being built in Volta Redonda. To what extent the terms used forged this new guy, the worker's CSN? That power relations are being built? This manner of inventing the individual who wants to worker and worker, subjectiving it perhaps can be read from the notion of positive power.

Keywords: CSN, subjectivity, labor

1 INTRODUÇÃO

¹ Mestre em História Social do Trabalho pela Universidade Severino Sombra (USS); Professora do curso de História do Centro Universitário Geraldo di Biase (UGB).

Este ensaio tem como foco principal a análise do discurso, também denominado discurso “sob medida” praticado na cidade operária que se estava fundando e mantido em seu imaginário através das denominações utilizadas para se referir ao homem que viria construir a CSN. Estas denominações são consideradas pejorativas na medida em que, associadas ao mundo rural, permanecem ligadas à noção do atraso, enquanto conferem forte teor de diminuição e desqualificação do trabalhador.

Como estratégia de análise, será feita a comparação das denominações (subjettivações) em dois momentos: o primeiro (da gênese) utilizando o peão, o jeca, o bisonho e o arigó como subjettivações daquele que se tornaria o operário da CSN; e o segundo momento (da emancipação de Volta Redonda) quando o então operário recebe uma nova adjettivação: ciclope.

Paul Veyne chama a atenção dos historiadores no sentido de observar que os fatos humanos não são óbvios; que parecem tão evidentes aos olhos dos seus contemporâneos que, muitas vezes, nem sequer os percebem. (VEYNE, 2008, p. 239-40) Da mesma forma, “o discurso ocorre tão naturalmente para designar o que é dito quanto o termo prática para designar o que é praticado.” (VEYNE, 2008, p. 252) Para Veyne, Foucault é o filósofo que muito contribuiu para a história e nos convida a examinar, com exatidão, o que é dito. E nos alerta no sentido de não julgar as coisas a partir das palavras, mesmo porque, “elas nos enganam, que nos fazem acreditar na existência de coisas, de objetos naturais, governados ou Estado, enquanto as coisas não passam de correlato das práticas correspondentes, pois a semântica é a encarnação da ilusão idealista.” (VEYNE, 2008, p. 252)

2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Acampados nos laranjais da Fazenda Santa Cecília, no final de 1941, os trabalhadores assistiam ao esquadrinhamento do terreno e aguardavam o início das obras da CSN. Em 1942, já se instalavam várias empreiteiras para as obras de aterro e construção não só da siderúrgica, como também da vila operária. (BEDÊ, 2004, p. 37) O recrutamento de mão de obra para a

construção da usina se fazia premente e, em decorrência dessa emergência, os agentes de recrutamento se deslocavam para o interior dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, alistando trabalhadores que, transportados de caminhão até a estação ferroviária mais próxima, embarcariam no trem para Volta Redonda. Alguns vinham por seus próprios meios; outros, no caminhão contratado pela empresa encarregado de arregimentar mão-de-obra pelo interior. (MOREIRA, 2000, p. 50)

Quando esse sujeito chegava ao escritório central da CSN, situado no Acampamento Central (atual bairro Nossa Senhora das Graças), passava por um procedimento de higienização: tomava banho, cortava o cabelo, trocava suas roupas, ganhava o macacão e era submetido a uma avaliação médica. As roupas antigas eram lavadas, colocadas dentro de um saco e etiquetadas. Com essa triagem, os operários eram fichados e encaminhados para os alojamentos. (PIQUET, 1998) “*Foi procurar o peão na mineirada [...]*” oferecendo como atrativo ‘*a fotografia do Hotel Bela Vista*’ e o slogan ‘*a Cia. oferece cama patente e água quente.*’ (PIMENTA, 1989, p. 57)

Em sua maioria, esses milhares de homens procediam das lavouras e da pecuária, acostumados à enxada e ao trabalho de sol a sol. Analfabetos e sem qualquer qualificação profissional, eram encaminhados ao trabalho braçal. “*O pessoal era separado pela aparência. Separava o sujeito como se fosse boi, cabeça de boi mesmo. Você prá cá, você prá lá. Faziam três lotes. Este pessoal aqui pode trabalhar no escritório, este vai para o serviço pesado, na obra, e este aqui para os serviços de apoio a obra.*” (PIMENTA, 1989, p. 57)

Alojados nos acampamentos, em barracões de madeira com mínimas condições de limpeza e higiene, os operários faziam suas refeições, no próprio canteiro de obras. Logo na chegada, já recebem o seu primeiro apelido: **peão**. Conjunto: peonada (vulgo peãozada). Peão é o valente amansador de cavalos, burros e bestas; condutor de tropa, trabalhador rural, indivíduo recrutado, geralmente em outros estados, como mão de obra para as grandes empresas. (FERREIRA, 1986, p. 1288) Esse apelido nos remete àquele sujeito que chegava, enfrentando *corajosamente*, toda sorte de trabalho braçal que se lhe avizinhava. Viver como peão significa aquele que enfrenta toda sorte de dificuldades, sem reclamar. É um discurso que enfatiza a

noção do macho, pois a idéia de trabalhador que está emergindo é pensada no masculino², como aquele que partilha da superioridade dos fortes, capaz de tudo, destemido, valente e corajoso. (ALBUQUERQUE JR, 2003, p. 227)

Entretanto, como se esse enquadramento não fosse suficiente para descrever aquele trabalhador que começava a se deixar inventar, surge o **arigó**. *‘Naquele tempo, nós, que vínhamos de fora, tínhamos o nome de arigó³. Sendo que arigó era aquele de quem o habitante de Barra Mansa não gostava. Arigó era o nordestino, o mineiro... Havia também o ‘arigó de penacho’: eram os chefões, os engenheiros, os diretores. Dizem que o arigó é um pássaro que não tem pousada; sai da sua terra, lá de onde nasceu, e vai voando por aí.’* (MOREIRA, 1989, p. 51) Sobre as moradias *‘[...] o arigó⁴ tinha que passar para baixo, né? Sempre a companhia separou, sempre houve separação. Tinha bairro mesmo que só tinha pessoas de cor [...]’* (PIMENTA, 1989, p.58) O arigó caracteriza aquele que vive em busca do pão, do sustento e deve trabalhar exaustivamente para prover a vida da sua família. E, quando acaba a provisão, deve deixar seu lugar e partir para onde possa refazer sua vida. O sentido dessa subjetivação nos deixa antever o caráter de incerteza, daquele que, desde o início, não tem direitos, nem cidadania, pois como forasteiro, está fora do seu lugar, da sua gente e da sua cultura, deixando prevalecer a noção de desterro e de exílio.

Outra adjetivação importante é o **Jeca tatu**. Jeca Tatu aquele personagem criado por Monteiro Lobato ; é um caipira de barba rala e calcanhares rachados – porque não gosta de usar sapatos. É pobre, ignorante e avesso aos hábitos de higiene urbanos. Lobato pensa o caboclo como uma praga nacional: funesto parasita da terra (...) homem baldio, inadaptável à civilização (...) cria uma figura desqualificada do caipira, considera-o preguiçoso demais para promover melhorias no seu modo de vida, transformando-o num novo símbolo de brasilidade. O jeca incorpora a inépcia, a simplicidade, a verminose, a anemia e todas as doenças advindas da

² Segundo Bourdieu, “a dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas [...]”. (BOURDIEU, 2010, p. 45)

³ Entrevista com a antiga funcionária Bergonzil de Oliveira Magalhães. Depoimento ao Projeto Pioneiros e Construtores da CSN. (cf. MOREIRA, 1989, p. 51)

⁴ Entrevista com operário referindo-se à moradia e ao “racismo existente”. Apud (PIMENTA, 1989, p. 58)

pobreza e da má alimentação. Afirma a necessidade de intervenção dos profissionais da saúde, no trabalho e na vida em família. É a figura símbolo da gênese da CSN.

Por outro lado, Macedo Soares, explicava que *“os homens que vieram construir Volta Redonda eram **bisonhos**, quase sempre maltratados, completamente ignorantes do que seria uma usina siderúrgica. Vieram como teriam ido para um garimpo procurar trabalho, ganhando o que eles julgavam ser uma boa remuneração[...]”* (MOREL, 1989, p.76) Ressalta-se aqui, o caráter de inexperiência e inabilidade. Ser bisonho encarna a possibilidade de aceitação (novamente) da intervenção em suas vidas. Assim pensados, devem ser auxiliados por higienistas, psicólogos e assistentes sociais. E, principalmente deve se deixar educar para se tornar o cidadão numa visão feliz de progresso e desenvolvimento.

No geral, esses discursos agenciam uma série de imagens e enunciados, constituindo os tipos como o sertanejo, o caboclo, o retirante e o matuto. Assim sendo, revela um conjunto de tipos regionais, marcado por uma vida rural e, acima de tudo, sempre lembrado com atributos masculinos.

Foucault nos alerta dizendo que *“por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem, revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder.”* (FOUCAULT, 1996, p. 10) A emergência dessas subjetivações vai “inventando” uma identidade operária que se desloca e ocupa lugares, conforme a idéia de disciplinamento. *“A formação do saber requer que se leve em consideração, além das práticas discursivas, as práticas não-discursivas; e também que se preste particular atenção ao funcionamento entrelaçado de práticas discursivas e práticas não-discursivas. Com efeito, o saber e o poder se apóiam e se reforçam mutuamente.”* (CASTRO, 2009, p. 323)

Comparar o operário da gênese da CSN com o ciclope é uma tarefa bastante instigante, pois os **ciclopes**, obreiros de Vulcano, são habitualmente caracterizados pela enormidade do vulto e pelo único olho, posto no meio da testa. Os ciclopes sempre foram considerados como personagens formidáveis. Gigantes semelhantes a montanhas e cujo olho único, sob espessa sobancelha, brilha ameaçadoramente. Uns faziam gemer imensos foles; outros, levantando os

pesados martelos, batiam furiosamente o bronze que tiravam da fornalha. No brasão de Volta Redonda aparecem os “‘Tenentes: dois Ciclopes com um malho’ – em homenagem ao operário de Volta Redonda, pois eram os ciclopes os ‘Obreiros de Vulcano’, gigantes que forjavam os raios de Júpiter Tonante”.⁵

A noção de ciclope parece, à primeira vista, ser dissonante das subjetividades até então relatadas. Novamente, o macho forte, o ciclope carrega em seu pesado corpo uma compleição física (muscular) sem precedentes. É o indicativo de que para realizar um trabalho braçal de tamanha envergadura, só um gigante poderia dar conta.

Entretanto, na conjugação do peso corporal com a capacidade de vislumbrar os objetos à distância, o mesmo não é dotado de forte acuidade visual. Numa imagem tosca, grotesca e até mesmo risível, o ciclope é uma espécie de trabalhador que não se reconhece como sujeito de transformação política. O gigante por ter um único olho, não harmoniza a capacidade produtiva (força corporal) com o discernimento; é um sujeito imbecilizado (limitação mental e visual). Dessa forma, o trabalhador será o produto das experiências daqueles que o tomam como objeto de discurso e de verdade.

Se no primeiro momento as subjetivações desqualificam aquele que viria a ser o operário, em outro momento reforçam essa desqualificação ao compará-lo com o ciclope. Nas diversas literaturas consultadas, todas as subjetivações relatam um homem “com defeito”. Mesmo na fantasia do discurso mítico, o ciclope aparece como operário (de Vulcano), portador de suprema força física, não tem visão, não fala, não manifesta opinião: apenas obedece.

Bedê⁶ em sua “Ode aos ciclopes” descreve toda a trajetória daqueles homens simples, beirando à indignância, como ciclopes. Nesse trabalho, o autor alterna a noção de jeca, bisonho, arigó e peão com a noção de ciclope. BEDÊ (1987, 141-144) Que outra subjetividade podemos vislumbrar com essa nova percepção? Com seu espírito jocoso e irreverente, talvez Bedê estivesse pensando nas forças belicosas (pesadas e terríveis forças)

⁵ O Brasão do município de Volta Redonda foi organizado com base na Deliberação nº 141, de 02 de março de 1957.

⁶ Em 1980, Bedê escreveu uma “Ode aos ciclopes” em homenagem aos trabalhadores que aqui chegaram, por volta de 1941, em busca de trabalho.

que trazemos dentro de nós, e que resultariam na reação do operário que percebe todo o caráter absurdo e caricatural que se vinha delineando através das inúmeras subjetivações, denunciando o poder Ubuesco. Foucault o utiliza para falar do poder: “*maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação daquele que o produz.*” (CASTRO, 2009, p. 419)

Ao descrever o operário como um sujeito medíocre, imbecil, fílmico, ridículo, arruinado, pobre, impotente, o poder arbitrário encontra formas mais seguras para consolidar a sua ação de condução das condutas. O contexto histórico-político de análise dessas subjetivações – Segunda Guerra Mundial – suscita novas análises sobre o poder arbitrário aqui descrito, que pode ser entendido como aquilo que Foucault chamou de “Razão do Estado”. A Razão do Estado é vista como “*uma arte, uma técnica que procede segundo regras.*” (como exigência de ajustar-se à natureza própria do Estado) (CASTRO, 2009, p. 379)

Por outro lado, essa forma de inventar o indivíduo que se quer trabalhador e operário, subjetivando-o, também pode ser lida a partir da noção de positividade do poder (uma estratégia de poder) na construção do sujeito. Foucault demonstrou que essa positividade se dá na produção de uma nova ordem, tipo específico de indivíduo, na qual predomina a noção de utilidade, através da produção de corpos dóceis opondo-se à concepção de que o poder é, exclusivamente, repressivo e destrutivo. (FOUCAULT, 1970, p. 8 -9)

A produção de figuras modelares de trabalhadores aponta para o fato de que, neles se entrelaçam preocupações comuns que estariam associadas ao que Popkewitz (1994) chamou de *luta pela tomada da alma e desvio da consciência*. A cunhagem popular é afetada pela obra de uma engenharia, encarregada dos arranjos estruturais, para produzir o modelo apropriado de trabalhador. Essas subjetivações se assemelham a uma camisa-de-força, que prende o homem a uma forma de apatia social sem precedentes e também de preconceito.

Ao forjar um modelo de operário, forja também a sua subjetividade, alterando e distorcendo a sua percepção no novo jogo das relações sociais que se desenvolvem, extrapolando a biografia de cada um desses homens. Assim fazendo, transforma o indivíduo em algo manipulável, porque suscetível de responder sistematicamente às proposições do modelo industrial; existe um nexos entre o discurso e o interesse de produzir um trabalhador que

atenda plenamente às necessidades da nova ordem. Apesar do brilho que o tipo urbano industrial possa ostentar, não passa, afinal, de reflexos ou variantes do meio rural a que pertenciam, enquanto sertanejo, retirante, caboclo ou matuto. Foucault explica que “*uma vida de autoria de si mesmo é, ao mesmo tempo, uma resistência às tecnologias modernas de produção da subjetividade do indivíduo e uma arte da conduta centrada na coincidência daquilo que o indivíduo faz com aquilo que diz.*” (apud ALBUQUERQUE JR, 2007, p.118)

Sem a pretensão de fechar qualquer questão, importa oferecer o espaço para novos olhares e novas considerações; o que vislumbramos, portanto, é que utilizando a compleição bisarma do ciclope, associada à condição de homem bisonho, a gênese de Volta Redonda, assim inventada, pode ser descrita como uma história bizarra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval M. de. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaio de teoria da História. Bauru/SP: Edusc, 2007.

_____. **Nordestino: uma invenção do falo** (uma história do gênero masculino - Nordeste 1920/1940). Maceió: Catavento, 2003.

ARIGÓ: o pássaro que veio de longe. **Revista do Centro de Memória Sindical.** Volta Redonda: n. 1, junho, 1989.

BEDÊ, Waldyr A. **Volta Redonda na era Vargas (1941-1964).** 2. ed. ampl., Volta Redonda: SMC/PMVR, 2007.

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (Org.). **Passados recompostos: campos e canteiros da história.** Rio de Janeiro: UFRJ/Ed. FGV, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 7. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRASÃO DE VOLTA REDONDA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bras%C3%A3o_de_Volta_Redonda>

Acesso em 25/10/2009.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores.** Belo Horizonte: Autentica, 2009.

DINAMARCO, Patrícia da S. M. **Trabalhadores da CSN: lembranças e relatos da primeira geração.** São Paulo: USP, 2004. (Dissertação de Mestrado em Historia Social).

FERREIRA, Aurélio. B. de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa.** 2. ed. rev. amp., 18. reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 5. ed., São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Vigiar e punir.** 14. ed., Petrópolis: Vozes, 1996 (a).

_____. **Microfísica do poder.** 11. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1979.

MOREIRA, Regina da Luz. **CSN um sonho feito de aço e ousadia.** Rio de Janeiro: Iarte, 2000.

OLIVEIRA, Irene R. de. **Missão Cooke, Estado Novo e implantação da CSN.** Rio de Janeiro: E_papers, 2003.

PALMA, Ana. **Monteiro Lobato e a gênese do Jeca Tatu** Acesso em 25/10/09. Disponível em: <anapalma@coc.fiocruz.br>.

PIMENTA, Solange M. **A estratégia da gestão: fabricando aço e construindo homens – o caso da Companhia Siderúrgica Nacional.** Belo Horizonte: UFMG, 1989. (Dissertação de mestrado).

PIQUET, Rosélia. **Cidade-empresa: presença na paisagem urbana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

POPKEWITZ, T. S. História do currículo, regulação social e poder. In: SILVA, T. T. da S. (Org.) **O sujeito da educação: estudos foucaultianos.** Petrópolis: Vozes, 1994. p. 173-210.

Disponível em: www.mundodosfilosofos.com.br/vulcano.htm . Acesso em 24 out.2009.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história.** 4. ed.,
Brasília: 2008.

